



“Educação como prática de Liberdade”:  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8952 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT06 - Educação Popular

### PARTICIPAÇÃO JUVENIL EM RODAS DE CONVERSA: CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO POPULAR PARA AÇÃO PASTORAL UNIVERSITÁRIA

Gabriela Serpa Bertazzoli Guzman - UNISAL - Centro Universitário Salesiano de São Paulo

Fabiana Rodrigues de Sousa - UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

### **PARTICIPAÇÃO JUVENIL EM RODAS DE CONVERSA: CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO POPULAR PARA AÇÃO PASTORAL UNIVERSITÁRIA**

**Resumo:** Este trabalho apresenta reflexões de pesquisa de mestrado que vem sendo desenvolvida em uma Instituição de Ensino Superior confessional com o intuito de problematizar culturas juvenis por meio da participação em rodas de conversa. Inspiradas nos círculos de cultura freireanos, as rodas de conversa são organizadas como parte de uma ação pastoral universitária e se constituem como espaço-tempo de pronúncia coletiva do mundo. Por meio deste espaço de participação social e de diálogo entre juventudes e membros da Pastoral Universitária, buscamos investigar o universo temático destes grupos juvenis tendo como referenciais a Educação Popular e a Sistematização de Experiências. Acreditamos que o processo de escuta das realidades juvenis, aliada ao desvelamento de seus conhecimentos e suas práticas culturais, pode favorecer a construção de uma ciência popular que abarque as demandas juvenis.

**Palavras-chave:** Educação Popular. Rodas de Conversa. Juventudes. Pastoral Universitária. Sistematização de Experiências.

### **Introdução**

Alicerçada nos princípios da Educação Popular e na proposição de práticas educativas libertadoras (FREIRE, 2020a, 2020b) e descolonizadoras (QUIJANO, 2013) que respondam aos impactos da modernidade nas realidades latino-americanas - de modo especial nas experiências dos círculos de cultura propostos por Paulo Freire -, a pesquisa que dá origem a esse trabalho adota uma postura política em busca de uma educação problematizadora como alternativa e combate à “educação bancária”. Assume, portanto, a liberdade e a crítica como vocação ontológica de mulheres e homens e parte da compreensão de que o diálogo não é instrumento da educação, mas sim a própria educação (BRANDÃO, 2002).

As rodas de conversa, bem como esta pesquisa, se assentam em uma concepção de educação que afirma o reconhecimento das/os jovens universitárias/os enquanto sujeitos sociais (DAYRELL, 2003) capazes de refletirem e agirem sobre o mundo. Uma das funções

mais importantes da prática educativa crítica consiste em propiciar condições em que educandas/os em suas relações com os outros possam ensaiar “a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador de sonhos [...]” (FREIRE, 1998, p.46).

Assumir-se como sujeito configura-se como condição para a construção da autonomia e esta, por sua vez, só pode efetivar-se mediante ações culturais dialógicas como as rodas de conversa. Estas, inspiradas nos círculos de cultura propostos por Paulo Freire (2020b), se apresentam como espaço-tempo de pronúncia coletiva do mundo, afirmação da esperança e construção de sonhos possíveis.

As rodas de conversa são compreendidas, nesta pesquisa, como espaço profícuo de participação social, em que as e os jovens constroem e fortalecem suas leituras de mundo e vislumbram coletivamente possibilidades de transformação de suas realidades. É local de partilha de saberes e vivências entre juventudes plurais, pois cada sujeito carrega sua história de vida, marcadores étnico-raciais, de classe, de gênero, de orientação sexual etc. Estabelecer juntamente com estas/es jovens este espaço de participação social nos possibilita o entendimento das rodas de conversa como uma prática educativo-política libertadora que favorece a emancipação humana, pois “situa liberdade como movimento reflexivo que permite o sujeito se descobrir construtor de sua própria história, condição *sine qua non* da roda de conversa”. (SAMPAIO, et al., 2014, p. 1300).

Nessa experiência associativa, ao tomar parte das rodas de conversa, as/os jovens podem alimentar o “desejo de dissolução dos modelos hierarquizados antecedentes e de democratização da palavra, da ação e da gestão coletivizada e consensual do poder” (BRANDÃO, 2010, p. 123). Para isso, é imprescindível que se manifeste a intencionalidade de uma educação dialógica que ocorra com a fé na vocação de “ser mais” (FREIRE, 2020b, p. 112).

Compreendemos, assim, que a participação social em rodas de conversa pode favorecer a ruptura de modelos culturais hierarquizados, ainda, muito presentes na composição curricular eurocêntrica das universidades que prioriza saberes e manifestações culturais dos brancos, em detrimento dos conhecimentos, cultura e história dos povos indígenas e negros. Marca da educação bancária, veementemente criticada por Freire (2020b), que se erige na compreensão de que quem educa é quem deposita conteúdo, quem detém o poder, hierarquizando professores/as em detrimento de alunas/os, limitando dessa forma a possibilidade de uma consciência crítica; já que nesta perspectiva educandas/os são entendida/os como mero receptáculo de conteúdo. Ao dificultar o reconhecimento das estruturas sociais de opressão, a educação bancária se converte em um instrumento eficaz para a manutenção do *status quo* e tem o propósito de barrar a percepção quanto à necessidade de transformação social, contrapondo-se, deste modo, à consciência crítica que visa ampliar a percepção da realidade e dos caminhos para a emancipação.

Não é de estranhar, pois, que nesta visão “bancária” da educação, as mulheres e homens sejam vistos como seres da adaptação, do ajustamento. Quanto mais se exercitem as educandas e os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos. (FREIRE, 2020, p. 83)

Dayrell (2003) alerta-nos que o reconhecimento das/os jovens como sujeito social é uma ação política que exige posicionamento ético de pesquisadoras/es e demais educadoras/as. Tendo em vista que há, no cotidiano, uma série de imagens e estereótipos que interferem no modo como as juventudes são percebidas socialmente. A primeira imagem que o autor apresenta é da juventude como momento de transição, como “vir-a-ser”, nela a

juventude é percebida como uma fase de preparação ao que um dia serão, pressupondo que a/o jovem ainda não é no presente. Outra imagem é a da juventude como moratória e tempo de liberdade que se vale de uma ideia romântica e consoante aos ideais de consumo exacerbado, nela a juventude consiste em um tempo marcado pelo hedonismo e pela irresponsabilidade, “com uma relativização da aplicação de sanções sobre o comportamento juvenil” (DAYRELL, 2003, p.41). E, ainda, aponta a imagem da juventude como momento de crise, de conflitos com a autoestima e/ou com a personalidade. Concordamos com Dayrell (2003, p.41) que é necessário problematizar essas imagens, caso contrário “corremos o risco de analisar os jovens de forma negativa, enfatizando as características que lhes faltariam para corresponder a um determinado modelo de ‘ser jovem’”, sobretudo, quando se trata de jovens oriundas/os de grupos populares.

Temos percebido que, ao tomarem parte das rodas de conversa, partilhando suas vivências, saberes, histórias, narrativas e condições existenciais, as/os jovens forjam coletivamente outras imagens sobre si, tal como a de juventude trabalhadora que se contrapõe ao imaginário que tende a retratá-las/os como seres imaturos e sem responsabilidade.

### **Sistematização das Rodas de Conversa**

Frente à ofensiva antidemocrática que visa reduzir a educação à mercadoria, as práticas de Educação Popular que se ancoram no legado freireano visam promover a radicalidade democrática e a reflexão crítica sobre a própria prática, ciente de que o nosso que-fazer educativo é a principal fonte de nossa formação permanente (JARA, 2019). A fim de favorecer essa reflexão, Jara (2006) cunhou uma proposta de Sistematização de Experiência que contempla cinco tempos: 1) O ponto de partida, 2) As perguntas iniciais, 3) Recuperação do processo vivido, 4) Reflexão de fundo e 5) Os pontos de chegada.

O ponto de partida de nosso processo de sistematização consiste nas rodas de conversa desenvolvidas como uma forma de ação pastoral, no âmbito de uma instituição confessional de Educação Superior. Trata-se de encontro semanal, em formato de roda de conversa, entre jovens matriculadas nos diversos cursos de graduação de um dos *campi* da IES. Desde sua origem, em 2019, o projeto de organizar as rodas de conversa já possuía uma intencionalidade dialógica: sendo fruto de solicitação de um grupo de três estudantes de graduação que relatou sentir falta de um espaço de participação em que pudessem partilhar experiências e saberes entre si. O grupo de jovens intencionava criar um espaço para replicar com seus pares algumas dinâmicas de que já tinham participado em outras ações da Pastoral Universitária e, assim, foram organizadas as rodas de conversa. Foram definidos dois pontos essenciais ao projeto: I. será um espaço de confiança e troca de experiências discentes e; II. serão elaborados encontros temáticos, sempre de acordo com as demandas levantadas dentro do próprio grupo. De imediato, o convite foi amplamente divulgado nas salas de aula e redes sociais com data agendada para os encontros: segunda-feira, durante o intervalo das aulas ocorre a roda de conversa que se constitui como ação livre para todas/os que queiram participar e, às quintas-feiras, há a reunião de planejamento do próximo encontro, a partir do que foi abordado no anterior, sob responsabilidade do grupo composto por três jovens que idealizaram o projeto e a assessora da Pastoral Universitária, que também é responsável por esta investigação.

Com a pandemia da COVID-19, a proposta das rodas de conversa sofreu alterações e nos levaram ao segundo ponto da Sistematização, ao nos indagarmos sobre o que são as rodas de conversa? Como dar continuidade a elas no período de pandemia? A primeira alteração nas rodas foi no formato já que, atualmente, elas são realizadas virtualmente por meio de videoconferência, alterando sobremaneira o formato presencial em que as/os participantes se

distribuem em roda, sentadas/os em pufes, com acesso ao espaço, trocando olhares e reações, proporcionando um ambiente de confiança e leveza. O tempo de encontro também mudou; antes ocorriam durante intervalo das aulas, com duração de no máximo vinte minutos. Com a modalidade remota, os encontros ocorrem antes da aula, com a “sala” virtual aberta das 18h às 19h.

Entre as mudanças destaca-se a possibilidade de participação de jovens do outro *campus* da Instituição de Ensino Superior. No formato remoto, foi possível agregar estudantes que não poderiam pertencer ao grupo, presencialmente, uma vez que estariam em aula em seu respectivo *campus*. Essa participação trouxe ao grupo novos olhares de estudantes de diferentes áreas como Engenharias, Administração e Ciências Contábeis. Antes o grupo contava com estudantes de cursos como Direito, Educação Física, Pedagogia e Psicologia.

A perda com a impossibilidade da modalidade presencial nos trouxe um novo olhar que vem fortalecendo as relações de confiança entre o grupo. Com a pandemia, as rotinas foram alteradas e novas demandas surgindo. Ao mesmo tempo em que as emoções vêm sendo colocadas à prova, estudantes perderam seus empregos, outras/os seguem trabalhando presencialmente, relatam a solidão por morarem sozinhas/os e não interagirem com outras pessoas ou desgaste nas relações familiares devido ao aumento no tempo de convívio. Fora tudo isso, os medos quando algum familiar é diagnosticado com COVID-19 e os falecimentos. De qualquer forma, é recorrente o relato de que este momento de encontro entre o grupo possibilita a interação entre pessoas que querem rir, trocar ideias e visões de mundo, estabelecer contato e interação com pessoas diversas, apesar do distanciamento.

## **Considerações**

Com o ingresso no curso de Mestrado e o aprofundamento de estudos acerca dos aportes da Educação Popular, potencializou-se o anseio de refletir sobre a própria prática, desse modo as rodas de conversa foram se transformando cada vez mais em práxis dialógica. A fim de compreender esta prática, fomentar a participação social juvenil e ampliar os espaços democráticos na instituição, lançamos mão da Sistematização de Experiências que, segundo Jara (2006) favorece a compreensão, extração e comunicação das experiências vividas nos processos sociais. Esta metodologia fundamenta-se na concepção metodológica dialética que concebe a realidade como um processo histórico constituído pelos seres humanos como uma totalidade, pois as relações sociais, econômicas, políticas e culturais não se dão separadamente, mas relacionam-se entre si.

Nesta pesquisa, buscamos compreender as relações sociais não a partir de uma observação distanciada, mas sim da relação intersubjetiva e da participação ativa entre todos os sujeitos envolvidos nas rodas de conversa: pesquisadora e jovens. Estamos planejando os próximos tempos da Sistematização da Experiência e para elaborar a recuperação do processo vivido, lançaremos mão de atas e fotos das rodas de conversa, bem como da gravação das rodas remotas, além de entrevistar jovens participantes.

Como visto, a educação como prática da liberdade pressupõe confiança e humildade para o diálogo autêntico e objetiva proporcionar consciência crítica da realidade, favorecendo a assunção do sujeito capaz de viabilizar a transformação social. Pretendemos, com este espaço de participação social e de diálogo entre juventudes e membros da Pastoral Universitária, conhecer e desvelar o universo temático e cultural destes grupos juvenis, pois acreditamos que o processo de escuta de suas realidades pode favorecer a construção de uma ciência popular que abarque as demandas juvenis.

**Referências:**

BRANDÃO, Carlos R. **A Educação popular na escola cidadã**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRANDÃO, Carlos R. Círculo de Cultura. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J.J (Org.), **Dicionário Paulo Freire**. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 123-125.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Rev. Bras. Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, Dez. 2003.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 46ª. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 73ª. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 7ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

JARA, Oscar. Para sistematizar experiências. **Ministério do Meio Ambiente**, Brasília, n. 2, 2006.

JARA, Oscar. Palavra abierta – Educación Popular, contexto latinoamericano y el legado de Paulo Freire. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.35, e215005, p.1-7, 2019.

QUIJANO, Aníbal. “Bem viver”: entre o “desenvolvimento” e a “des/colonialidade” do poder. **R. Fac. Dir. UFG**, v. 37, n. 1, p. 46-57, jan. / jun. 2013.

SAMPAIO, Juliana *et al.* Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. **Interface**, Botucatu, v. 18, supl. 2, p. 1299-1311, 2014.